

LÉXICO E SEMÂNTICA

UM HOMEM VALE O QUANTO VALE O SEU VOCABULÁRIO

Alessandra Cristina Costa Mendes (SEERJ)
alecrismendes@gmail.com

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.

(Ferdinand Saussure)

INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito do conteúdo das aulas de Língua Portuguesa, que fica entre a assimilação das regras gramaticais que regem a língua ou práticas que enfatizam o desenvolvimento do vocabulário. Em princípio, não é viável dissociar ambas as propostas, visto que pretendem proporcionar ao indivíduo condições nas quais ele possa utilizar, com competência, uma das principais ferramentas responsáveis pela interação social: a comunicação.

Antes de dar prosseguimento a esta análise, é pertinente apresentar alguns conceitos relevantes.

O primeiro deles refere-se às protagonistas dos estudos linguísticos: a linguagem, por compreender uma das mais importantes faculdades humanas, já que é ela quem possibilita a interação entre indivíduos e permite a expressão de pensamentos e ideias; a língua, por ser a maneira pela qual a linguagem é expressa. Saussure (2002, p. 17) ressalta o caráter social que ambas representam nas relações humanas:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Assim sendo, é pertinente ressaltar que a língua compõe-se de estruturas que agregam os aspectos sintáticos, lexicais e fonológicos, resultados de acordos, ainda que de maneira inconsciente, dos integrantes de uma sociedade linguística. No que tange ao léxico²⁵, o vocabulário, em sentido lato, é o conjunto de vocábulos de uma língua (Câmara Júnior, 2002, p. 241) que, do ponto de vista prático, tem relação direta com a significação, aspecto de absoluta relevância a proposta desta pesquisa.

Outro ponto importante refere-se aos aspectos cognitivos. A linguagem é uma das competências humanas processada pelo cérebro, ou seja, o local de processamento das representações significativas da comunicação, cuja capacidade total é ainda desconhecida pelos estudos científicos. Por esta razão, se torna inviável mensurar o nível mental ou a capacidade cognitiva, ou ainda, estimar o vocabulário de um sujeito, todavia há dados e fatos sócio-culturais que não contestam a lógica e que são discutidos a seguir.

Deste modo, os conceitos aqui apresentados se fazem fundamentais às análises que seguem que visam evidenciar o quanto o vocabulário implica o valor que o homem representa na sociedade e, portanto, o quanto o desenvolvimento da linguagem é essencial ao desenvolvimento da capacidade cognitiva.

VOCABULÁRIO E NÍVEL MENTAL

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 32)

A citação acima esclarece, de forma sintética, os principais objetivos do ensino de língua portuguesa, de maneira a nortear as práticas pedagógicas no que ao desenvolvimento da linguagem, especialmente por fomentar reflexões acerca desta importante ferra-

²⁵ Câmara Júnior (2002, p. 157 e 241) ressalta que vocabulário tem uma aplicação muito mais ampla do que léxico, que se refere particularmente às palavras, no entanto, o ponto em comum entre os dois está no objeto de suas aplicações.

LÉXICO E SEMÂNTICA

menta imprescindível ao funcionamento as relações sociais. Neste ínterim, pode-se considerar duas proposta: uma voltada ao ensino das regras gramaticais, objetivando alcançar o padrão culto da língua; outra voltada à aplicabilidade da língua, considerando especialmente suas variações e peculiaridades.

Referente a primeira vertente, é indiscutível que tal proposta pretenda desenvolver aptidões e proporcionar condições para que o sujeito possa relacionar-se e lhe proporcionar melhores condições de se apropriar de oportunidades que favorecem aqueles que dominam o padrão culto da língua, como se pode frequentemente observar nos exames vestibulares. Contudo, privilegiar uma das variantes da língua por ser esta a norma de maior prestígio implica desconsiderar toda a trajetória linguística que o sujeito percorreu até ser inserido no contexto escolar, desvalorizando os aspectos sociais, as diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas que involuntariamente participam do processo de formação de variantes da língua. Estas, por sua vez, cumprem plenamente a função a que se propõe e em nada deixam a desejar quanto às estruturas gramaticais que as integram.

Por outro lado, agredir ou menosprezar a gramática e os ensinamentos tradicionais dos estudos de língua é, pelo menos, uma atitude infundada e incipiente daqueles que desconhecem sua real função: registrar os fatos da língua. Com isso, desvaloriza-se o trabalho de grandes estudiosos que se dedicam a organizar e agrupar estruturas e informações sobre determinada língua, através da análise minuciosa dos mecanismos que a integram e das regras que a regem.

É, por conseguinte, necessário que ambas as propostas se aliem e conduzam suas práticas de forma a favorecer o desenvolvimento das competências linguísticas que propiciarão ao indivíduo condições de expressar seu pensamento e exercer seu papel social de maneira satisfatória. Consoante com esta proposta, Othon M. Garcia ressalta a importância de se dispor de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento propiciando maior quantidade e melhores condições de refletir, julgar, escolher e assimilar conceitos, proporcionando mais oportunidades sociais ao indivíduo. Assim, o modo mais eficaz de enriquecer o vocabulário se baseia na experiência, isto é, numa situação real com a conversa, a leitura ou a redação (Garcia, 1974, p. 35, 165).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A conversa ou fala, uma técnica idiomática efetivamente realizada (Bechara, 2003, p. 42), surge antes da representação escrita, a partir da necessidade espontânea da comunicação entre os indivíduos e, ainda nos dias de hoje, é o primeiro contato do indivíduo com a língua materna. É fundamentada na articulação dos órgãos vocais como reflexo imediato do pensamento, por isso se configura como a forma de expressão mais suscetível a inadequações, na qual um vocabulário insuficiente se faz mais perceptível, já que esta modalidade linguística exige determinada agilidade de raciocínio, pois impõe ao falante a necessidade de representar imediatamente uma ideia.

Deste modo, se por um lado tal dinamismo configura-se como um fator que a torna mais ameaçadora, por outro lado é através da modalidade falada que se forma grande parte do vocabulário individual, consequência da interação decorrente do contato entre falantes de um mesmo idioma, seja diálogo em presença, seja através dos diversos meios de comunicação. Além disso, é, portanto, o ponto de partida para configuração de uma dada língua, resguardando-se as construções gramaticais, principalmente por manter ativo e acionar imediatamente o léxico armazenado na memória humana.

Deste modo, enquanto a fala se apóia em diversos órgãos do sistema sensorial, a leitura utiliza apenas o sentido da visão²⁶, exigindo que se incluam detalhes referentes ao contexto e maior preocupação com as questões gramaticais. Assim, indiscutível é que a leitura seja fundamental para o conhecimento e para o desenvolvimento cognitivo.

É o primeiro contato com a modalidade escrita da língua e possibilita uma visão multifacetada da realidade, favorecendo a interação com as variantes linguísticas de outras épocas, outras regiões geográficas, outras comunidades. Por esta razão, pode ser considerada como o verdadeiro sexto sentido do ser humano, pois é um excelente exercício ativador da capacidade de reflexão que proporciona ao indivíduo o acesso a oportunidades que compartilham saberes com outras sociedades linguísticas.

²⁶ Exceto o sistema braille ou outro de igual função que, através do tato, é adotado principalmente por deficientes visuais.

LÉXICO E SEMÂNTICA

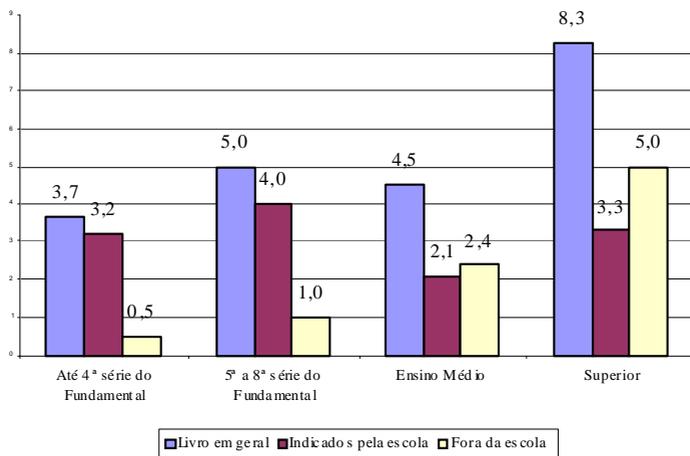
No entanto, esta perspectiva ainda se encontra distante da realidade, visto que, numa sociedade injustamente dividida, a desigualdade social é um dos itens que impede a ascensão da leitura, cujas implicações no sistema educacional são incontáveis.

Consoante com esta reflexão, vale ressaltar as considerações de Paulo Freire (1989, p. 19)

O problema que se coloca não é o da leitura da palavra mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo mesmo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos.

A pesquisa “Retrato da leitura no Brasil”, divulgada em 2008, promovida pelo Instituto Pró-livro, demonstra esta relação existente entre a leitura e escola, principalmente nas séries iniciais de estudo, como pode ser observado no gráfico 1:

Gráfico 1: Número de livros lidos por ano



Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura (2008)

É evidente, destarte, a indissociabilidade entre as práticas de leitura e escrita, cuja relação tem reflexos nos valores que o indiví-

duo adquire ao longo de sua trajetória social e acadêmica. Neste sentido, Othon M. Garcia (1974, p. 165) ressalta: “a leitura atenta de obras recomendáveis, a leitura que se faz, literalmente, de lápis na mão para sublinhar as palavras desconhecidas e, depois de consultar o dicionário, anotar-lhes o significado, esse é, sem dúvida, o melhor processo de aprimorar o vocabulário”.

Logo, a escrita “é a representação visível e durável da linguagem que, de falada e ouvida, passa a ser escrita e lida” (Câmara Júnior, 2002, p. 108) e, por esta razão, é a modalidade da língua que goza de maior prestígio, sobretudo por ser adotada na literatura, nas gramáticas, nos dicionários.

O desenvolvimento do vocabulário através da escrita ocorre à medida que esta possibilita reflexões, consultas, pesquisas e ajustamentos oportunos para que se encontre o vocábulo apropriado para expressar a ideia que se pretende. “Daí a importância da redação sob as suas mais variadas formas: a composição livre propriamente dita, a paráfrase, a interpretação escrita, os resumos, as amplificações, a mudança no torneio das frases, as traduções” (Garcia, 1974, p. 165).

Com base no exposto, a escrita terá ênfase no próximo item, considerando o valor social que esta agrega ao homem.

A RELAÇÃO ENTRE VOCABULÁRIO E A MODALIDADE ESCRITA

Cabe ressaltar a seguinte reflexão de Ferdinand Saussure sobre a escrita:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia que o rosto. (Saussure, 2002, p. 34).

Conforme exposto, a escrita se configura como a modalidade linguística de maior prestígio social e esta é uma das razões pela qual ela tem preferência no âmbito das avaliações de qualquer finalidade,

LÉXICO E SEMÂNTICA

funcionando como parâmetro para balizar padrões de comportamento linguístico adequados ou não. O Sistema de Avaliação da Educação Básica²⁷ (Saeb), por exemplo, é um instrumento utilizado pelo Ministério da Educação que lança mão destes critérios para pesquisar e avaliar a qualidade do sistema educacional brasileiro, objetivando, principalmente, oferecer subsídios à reformulação de políticas públicas de acordo com as necessidades diagnósticas. Para tanto, a avaliação é efetuada com base em matrizes de referência:

Cada matriz de referência é estruturada em tópicos ou temas e respectivos descritores que indicam as competências e habilidades de Língua Portuguesa e Matemática a serem avaliadas. O descritor é uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidos pelo aluno, a partir dos quais os itens de prova são elaborados. As respostas dadas pelos alunos a esses itens possibilitam a descrição do nível de desempenho por eles atingido. A partir daí, é dado conhecer o desempenho dos sistemas de ensino.²⁸

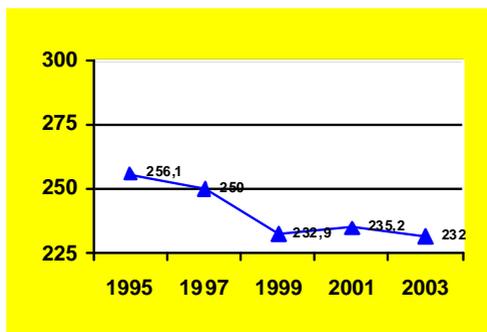
Considerando que este estudo se propõe a pesquisar as questões relativas a vocabulário, a análise se restringe ao que tange às avaliações em Língua Portuguesa, especialmente por focar a proficiência na linguagem escrita, voltada para sua função social.

O gráfico 2 apresenta uma análise comparativa dos resultados do desempenho dos alunos, no período de 1995 a 2003, numa escala que varia entre 125 e 350. Para a 8ª série do ensino fundamental o rendimento esperado é 300 pontos, propondo que indivíduos neste nível sejam capazes de inferir sentido em textos longos de variados gêneros, com alta complexidade linguística, ou ainda, identificar, resolver e calcular problemas que exigem razoável autonomia de compreensão. Entretanto, pode-se observar que os resultados retratam patamares abaixo do apropriado, além de se constituir em escala decrescente:

²⁷ www.inep.gov.br

²⁸ <http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes/default.htm>, consultado em 25/08/08.

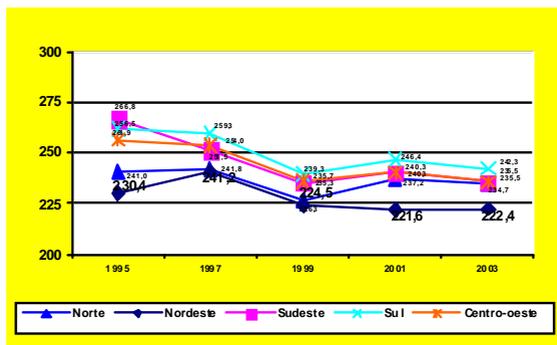
Gráfico 2: Médias de proficiência em leitura – 8ª série do Ensino Fundamental – Brasil – 1995/2003



Fonte: MEC/Inep – Saeb2005

No gráfico 3 observa-se um comparativo acerca das regiões brasileiras, cujos resultados acompanham a mesma tendência dos índices apresentados no âmbito nacional, contudo as desigualdades são mais acentuadas à medida que se destacam as regiões norte e nordeste:

Gráfico 3: Médias de proficiência em leitura – 8ª série do Ensino Fundamental – Regiões – 1995/2003



Fonte: MEC/Inep – Saeb 2005

Do mesmo modo, dados do IBGE demonstram que o nível de ocupação é variável conforme o tempo de estudos do indivíduo. Os dados da tabela 1 indicam aumento de cerca de 99% àqueles que dis-

LÉXICO E SEMÂNTICA

põem de 11 anos ou mais de estudo, o que implica concluir que aqueles que estiveram expostos maior tempo ao contato com a língua escrita e, desenvolveram o vocabulário e o desempenho cognitivo.

Tabela 1: Nível de Ocupação segundo grau de instrução

Ano	Sem instrução e com menos de 1 ano de estudo	8 a 10 anos de estudo	11 anos ou mais de estudo
2003	37,03	49,28	68,09
2004	37,07	49,52	68,64
2005	36,49	49,41	69,25
2006	35,68	49,74	69,36
2007	35,06	50,28	69,94

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego (* Médias das estimativas mensais)

Obviamente não é o vocabulário o único responsável por este resultado, já que o saber em outras áreas do conhecimento é fundamental, contudo vale ressaltar que sem o vocabulário não é possível alcançar o conhecimento em quaisquer áreas, uma vez que o acesso ao conhecimento parte de uma situação de comunicação, seja escrita, seja oral. Assim, o reconhecimento de variados gêneros de textos escritos é o que permite que o indivíduo esteja inserido nos fenômenos sociais da linguagem pressupostos como intimamente relacionados tanto a discursos que se elaboram em diferentes instituições e em práticas sociais orais e escritas, quanto a muitos objetos, procedimentos, atitudes, como formas sociais de expressão, entre elas, a expressão em língua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, pode-se concluir que o vocabulário exerce a função de demonstrar o valor social e cultural que cada sujeito possui, pois possibilita que se formule conceitos acerca de sua personalidade, sua trajetória de vida, suas capacidades e aptidões. Este fato se deve, fundamentalmente, à língua que, de fato, é um produto social, resultado da interação entre indivíduos que compartilham da mesma comunidade sociolinguística.

Por esta razão, Othon M. Garcia ressalta a importância de se dispor de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento e apresenta dados que comprovam o quanto o vocabulário propicia maior quantidade e melhores condições de refletir, julgar, escolher e assimilar conceitos, proporcionando mais oportunidades sociais ao indivíduo, ressaltando que “um vocabulário escasso e inadequado, incapaz de veicular impressões e concepções, mina o próprio desenvolvimento mental, tolhe a imaginação e o poder criador, limitando a capacidade de observar, compreender e até mesmo de sentir” (Garcia, 1974, p. 138).

Os dados do Saeb, que avalia o desempenho acadêmico dos estudantes brasileiros tomando por base o desenvolvimento de competências e habilidades que permeiam o desenvolvimento do conhecimento lexical, portanto, vocabular, demonstrados nesta pesquisa denotam de maneira factível a relação entre competência linguística e valor social.

Para tanto, se faz imprescindível o desenvolvimento de aptidões linguísticas que propiciem capacitar o indivíduo, conforme proposto pelos PCNs, de forma a “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”. Este princípio tem consonância com os ideais de Paulo Freire (1989, p. 19): o conhecimento lexical está além da leitura da palavra, uma vez que abrange a leitura do mundo.

Vale ressaltar que o nível de vocabulário não está relacionado necessariamente à norma culta língua a qual se atribui juízo de valor, mas a congruência dos mecanismos linguísticos disponíveis para a construção de sentido, conforme elucidada Evanildo Bechara:

Quando se diz que “o francês” é uma língua clara, a rigor, não se que fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e lógica mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós. (Bechara, 2003, p. 51)

Tais princípios devem ser considerados os norteadores das práticas que visam ao desenvolvimento do vocabulário, privilegiando o exercício autônomo de maneira a promover a qualidade de vida dos usuários da lín-

LÉXICO E SEMÂNTICA

gua. Neste contexto, qualquer situação de contato com a língua, conversa, leitura ou escrita, contribui à formação do vocabulário:

Quase todos nós, por vício, tradição ou comodismo, achamos mais fácil e mais simples dar e mandar decorar mil e uma regrinhas gramaticais malsinadas e inúteis, que vão muito além do mínimo indispensável ao manejo correto da língua. O que acontece é que não sobra tempo para o resto – e infelizmente é nesse resto que está o essencial. (Garcia, 1974, p. 165)

Portanto, é imprescindível que os estudos linguísticos sejam pautados em ações planejadas com este enfoque, cientes de que estes são os responsáveis pelo prestígio ou estigma social.

Por fim, pode-se concluir que o vocabulário é o que determina, direta ou diretamente, que valores o indivíduo representa para a sociedade na qual está inserido. Por outro lado, espera-se que a discussão sobre o tema não esteja encerrada com este estudo, de maneira que fomente outras reflexões. Para tanto, que as palavras de Olavo Bilac sejam viés condutor dos estudos da língua, esta que deve ser domada e concebida como um instrumento a serviço do homem: “Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática do português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CUNHA, Celso Ferreira da & Cintra, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2008). Retratos da Leitura no Brasil. www.prolivro.org.br

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PARÂMETROS curriculares nacionais, Língua Portuguesa, 1998.
Ensino fundamental.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 24^a ed. São Paulo: Cultrix: 2002.

http://www.ibge.com.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Retrospectiva2003_2007.pdf Acessado em 19/08/2008.